

FRANZ BOAS: AS LIMITAÇÕES DO MÉTODO COMPARATIVO EM ANTROPOLOGIA

Prof. Dr. Carlos Borges *

Prof. Dr. Erwin Frank *

INTRODUÇÃO:

Franz Boas é, sem dúvida, um dos antropólogos de maior impacto sobre os rumos da antropologia neste século, nisso igualado, talvez, somente por Emile Durkheim. A antropologia norte-americana atual é simplesmente inimaginável sem ele, visto que até os defensores de paradigmas contrários ao seu culturalismo desenvolveram e defenderam suas posições num diálogo crítico contínuo com as idéias de Boas¹.

Mesmo assim, Boas é também o mais ignorado e freqüentemente mal-interpretado dos "patriarcas" de nossa ciência. E isso vale sobretudo para o Brasil, onde os poucos livros de ciência da antropologia publicados o tratam como uma mera subvariedade norte-americana dos "difusionistas ingleses" e/ou da "Kulturkreislehre" alemã!

Prova clara do menosprezo que Boas sofre neste país² é o fato de que, segundo nossa informação, nada escrito por ele está, até hoje, acessível em língua portuguesa ao estudante brasileiro, não obstante as múltiplas influências indiretas dele sobre o rumo inicial da discussão antropológica no Brasil³.

* Professor Assistente do Departamento de Ciências Sociais da UFRR.

* Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da UFRR.

Introdução de Erwin Frank.

¹ Compare: M.Harris: *The Rise of Anthropological Theory*, New York, 1968; ou o meu: *Opake Strukturen der Argumentation*, Bonn (Holos) 1993, p.213-277.

² Por exemplo: P. Mercier (*História da Antropologia*, São Paulo, Ed.Moraes, s.d.) trata a obra de Boas em menos de três parágrafos!

³ É bem conhecida a "parceria desigual" entre Curt Nimuendajú e Robert H. Lowie, aluno e - durante muitos anos - colega de Boas na "Columbia University". Também a

Mas, não adianta continuar lamentando o esquecimento geral da obra de Boas atualmente no Brasil. I preciso "(re)-introduzi-la" imediatamente na discussão antropológica, tanto no sentido "prático" de traduzir para o português pelo menos algumas das suas obras mais importantes, mas também no sentido de "contextualizá-las" no exato momento e espaço geográfico da sua redação, assim como na tradição paradigmática da qual fazem parte⁴. Esperamos que com essa publicação possamos contribuir para essa re-introdução indispensável.

Por fim, algumas palavras dos tradutores quanto à decisão, digamos não convencional, de, em alguns poucos casos, tentar "reconstruir" o que Boas provavelmente quis dizer, ao invés daquilo que o texto realmente diz. Sobretudo as publicações de Boas, escritas durante as primeiras décadas depois da sua emigração para os Estados Unidos, revelam claramente que o seu autor pensava os seus problemas científicos ainda em alemão (se aproveitando, além do mais, de uma ampla gama de conceitos e termos especiais, utilizados por várias escolas filosóficas da sua Alemanha natal) para depois "traduzir" as suas idéias para um inglês ainda de pouco domínio⁵.

O resultado disso são frases no original muito difícil de entender, argumentos "estranhos" à tradição do pensamento social dessa última língua; e termos cujo verdadeiro sentido simplesmente não pode ser aquele, que todos os dicionários de língua inglesa indicam. Essa dificuldade da leitura de Boas (no original!) tem, é

reviravolta no pensamento de Gilberto Freyre é simplesmente inimaginável sem os seus contatos, diretos e indiretos, com Boas em Nova Iorque.

⁴ Trata-se do "Idealismo Alemão" e, mais especificamente, do "Neo-Kantismo" de H. Rickert, W. Windelbandt e W. Dilthey; influências conceituais que lhe chegaram via a geografia de Ratzel e a "Völkerpsychologie" (psicologia dos povos) de um Waitz e, sobretudo, Adolf Bastian. Detalharei esse "background alemão" do particularismo boasiano num ensaio que estou preparando para outro número desta revista.

⁵ Vários dos seus alunos reportaram que Boas nunca perdeu o seu sotaque típico de alemão, nem uma "retórica" que soava "estranho" e até "desajeitado" aos seus alunos norte-americanos. Na realidade, não nos parece mera coincidência que quase todos os seus mais famosos alunos foram, eles mesmos, imigrantes ou filhos de imigrantes de descendência alemã nos Estados Unidos.

claro, o seu equivalente direto na tradução dos seus textos para o português. Dai que, tentando conservar o "Geist" (essência, mensagem) de uma obra enraizada numa tradição filosófica aqui quase desconhecida, achamos necessário, com certa freqüência, nos opor a certas fraseologias à primeira vista mais "elegantes" e até mais "corretas".

Resumo da "Vita" de Franz Boas:

Franz Boas nasceu a 9 de julho de 1858 em Minden, Alemanha. De 1878 até 1881 estuda física, química e matemática, mais tarde também geografia, nas universidades de Heidelberg, Bonn e Kiel, onde, em 1881, recebe o título de "doutor" em física com uma tese sobre a cor da água.

Depois de um ano de serviço militar, começa a sua carreira como antropólogo com uma pesquisa de campo no nordeste do Canadá, inspirada na (antropo-)geografia de Ratzel, um dos seus professores. Embora, as suas experiências com os esquimós o tenha tornado imune contra as tendências deterministas desse último. Depois de um ano e meio passado com um tio em Nova Iorque, volta à Alemanha como "assistente" de Adolfo Bastiano recém-formado "Museum für Völkerkunde" (Museu de Etnologia) em Berlim. Fins de 1886 parte então para outro trabalho de campo, - dessa vez na costa pacífica do Canadá, região que - para o resto de sua vida - se transformaria em sua área preferida de estudos.

O trabalho etnográfico de Boas entre os Kwakiutl, Bella Coola, Tsimhian, Haida e demais grupos nativos dessas costas úmidas durante 50 anos, produziu uma infinidade de dados valiosíssimos no campo da antropologia física, da lingüística e - sobretudo - da etnografia. Trata-se, sem dúvida, de um tipo de "trabalho de campo", bastante distinto daquele que Bronislaw Malinowski realizará, pela primeira vez, na Nova Guiné uns 20 anos depois da primeira chegada de Franz Boas à costa oposta do pacífico. Embora, as intenções do trabalho etnográfico de Boas não fossem, nem podiam ser aquelas de Malinowski. A metodologia etnográfica de Boas é fruto dessa diferença de concepção⁶.

⁶ Ver: S.Seiler: Wissenschaftstheorie in der Ethnologie, Mainzer Etnológica, Reimer,

Lamentavelmente, é também consequência direta da concepção específica de Boas sobre a natureza e finalidade da antropologia, que fez com que durante toda a sua vida, esse incansável etnógrafo, nunca chegasse a redigir uma monografia etnográfica concisa de alguns dos grupos antes citados, - nem mesmo dos seus queridos Kwakiutl.

Fins de 1887, Boas está de volta a Nova Iorque, onde trabalha como segundo editor da já famosa revista científica "Science", antes de se transformar num dos primeiros professores de Antropologia norte-americanos na "Clark University", localizada no interior do Estado de Nova Iorque, onde Alfred Lewis Kroeber será seu primeiro aluno a receber o título de PhD. Em 1892, Boas organiza a seção antropológica da "Exposição Mundial" em Chicago, sendo que a partir de 1896 em diante passa a trabalhar no Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque. Em 1899 Começa finalmente a ensinar antropologia na "Columbia University", onde dirige o recém-fundado Departamento de Antropologia até o dia 21 de dezembro de 1942, quando morre durante um banquete, oferecido a ele pela sua Universidadê, - supostamente nos braços de um ainda desconhecido antropólogo francês, chamado Claude Lévi-Strauss.

Nos 43 anos de chefia no departamento de antropologia da "Columbia University", Boas se destaca como co-fundador da "American Folklore Society", da "American Ethnological Society" e como re-organizador da "American Anthropological Association", liderando todas elas durante algum tempo, bem como por várias vezes serviu como editor dos jornais das respectivas instituições. Mas, nenhum outro fato ilustra melhor a hegemonia que Boas conseguiu na antropologia norte-americana do que o fato de quase todos os antropólogos, que ensinaram essa disciplina em alguma das universidades norte-americanas depois de 1920, haviam, pelo menos algum tempo, estudado com ele⁷.

1979; ou: G. Stocking Jr. (Comp.): *The Ethnographer's Magic and Other Essays in the History of Anthropology*, Madison, University of Wisconsin Press, 1992.

7. Mencionamos aqui os mais conhecidos: Alfred L. Kroeber, Robert H. Lowie, Franz Goldenweiser, Ruth Benedict, Margaret Mead, Ruth Bunzel, Paul Radin, Edward Sapir, Melville Herskovits, Alexander Lesser, etc..

As limitações do Método Comparativo em Antropologia⁸

A Antropologia moderna descobriu o fato de que a sociedade humana cresceu [has grown] e se desenvolveu em todos os lugares, de tal maneira que suas formas, opiniões e ações têm muitas características fundamentais em comum. Esta importante descoberta implica que existem leis que governam o desenvolvimento da sociedade; que elas são aplicáveis à nossa sociedade como também às sociedades de épocas passadas ou localizadas em terras distantes: que o conhecimento de tais leis nos oferecerá uma chave para compreendermos as causas que promovem e retardam a civilização; e que, guiados por esse saber, esperamos governar [to govern] nossas ações de tal forma que o maior benefício para o gênero humano possa provir delas. Desde que esta descoberta foi claramente formulada, a antropologia começou, finalmente, a receber o amplo interesse público que lhe foi negado quando ainda se acreditava que ela não poderia fazer mais que registrar costumes curiosos e crenças de povos estranhos ou, no melhor dos casos, traçar suas relações e, desde modo, elucidar as migrações passadas das raças humanas e as afinidades entre os povos.

Enquanto os primeiros investigadores concentraram sua atenção nesse problema puramente histórico, a situação agora mudou por completo, de maneira tal que, na atualidade, até existem antropólogos que declaram que tais investigações pertencem ao historiador, e que os estudos antropológicos deveriam estar limitados às pesquisas das leis que governam o crescimento da sociedade.

Uma mudança radical de método acompanhou essa mudança de pontos de vista. Enquanto que, anteriormente, as identidades ou semelhanças entre as culturas [similarities of culture] foram consideradas provas incontestáveis de conexão

⁸ O original desse texto foi lido à reunião da American Anthropological Association em Buffalo e publicado em: *Science*, N.º. 4 (1896), pp.901-908. A tradução do original em inglês foi realizada pelos professores Carlos Borges e Erwin Frank do Departamento de Ciências Sociais da UFRR.

histórica, ou até de uma origem comum, a nova escola se recusa a considerá-las como tal, interpretando-as como resultantes do funcionamento uniforme da mente humana. O mais decidido defensor desse ponto de vista em nosso país é o Dr. D. G. Brinton, e, na Alemanha, a maioria dos seguidores de Bastia ultrapassam nesse ponto até o próprio Bastia. Outros, enquanto não negam a ocorrência de conexões históricas, as consideram insignificantes em seus resultados e na sua importância teórica, comparadas aos efeitos [the working] das leis uniformes que governam a mente humana. Esta é a visão, sem dúvida, da grande parte dos antropólogos atuais.

Esta visão moderna é fundada na observação de que os mesmos fenômenos étnicos se encontram [occur] entre os mais diversos povos, ou, como diz Bastia, na monotonia apavorante das idéias fundamentais do gênero humano em toda parte do globo. As noções metafísicas do homem podem ser reduzidas a alguns poucos tipos distribuídos universalmente, e o mesmo se aplica às formas de sociedade, às leis e às invenções. Além disso, as idéias mais complicadas e aparentemente ilógicas, e os costumes mais curiosos e complexos, aparecem em alguns tribos tanto quanto em outros lugares, de tal maneira que a suposição de uma origem histórica comum é excluída.

Quando se estuda a cultura de qualquer tribo, analogias mais ou menos diretas de certos elementos específicos [single traits] de tal cultura podem ser encontrados nos povos mais diversos. Um número amplo de exemplos de tais analogias foram colecionadas por Tylor, Spencer, Bastia, Andree, Post e muitos outros, de forma que não é necessário dar aqui qualquer prova detalhada deste fato. A idéia de uma vida futura; aquelas que subjazem ao xamanismo; invenções como o fogo e o arco; certas características elementares da estrutura gramatical - sugerem tipos de fenômenos aos quais me refiro. Segue a estas observações que, quando encontramos analogias entre elementos culturais específicos em povos distantes, a presunção não é que houve uma fonte histórica comum, mas a de que surgiram independentemente.

Mas, a descoberta destas idéias universais é somente o

começo do trabalho do antropólogo. A investigação científica tem que responder a duas perguntas no diz respeito a tais idéias. Primeiro: qual a origem delas? e segundo: como elas se incorporam e se mantêm [assert themselves] nas diversas culturas?

A segunda pergunta é a mais fácil de responder. As idéias não existem em todos lugares de forma idêntica, visto que variam. Material suficiente foi acumulado para mostrar que as causas destas variações são, ou externas, ou seja, ambientais - tomando o termo ambiente em sua acepção mais ampla -, ou internas, ou seja, fundamentadas em condições psicológicas. A influência de fatores externos e internos sobre as idéias elementares constituem um grupo de leis que governam o crescimento da cultura. Por isso, nossos esforços devem ser dirigidas no sentido de mostrar como tais fatores modificam as idéias elementares.

O primeiro método que se sugere, e que geralmente foi adotado pelos antropólogos modernos, é o de isolar e classificar as causas, agrupando as variantes de certos fenômenos etnológicos de acordo com as condições externas sob as quais aquelas pessoas vivem - tal como as encontramos - ou, de acordo com as causas internas que influenciam suas mentes; ou também [conversely], agrupando estas variantes de acordo com suas semelhanças. Depois disso, as condições correlacionadas de vida podem ser encontradas.

Por este método começamos a reconhecer, mesmo que imperfeitamente, quais as causas que eventualmente moldaram a cultura da humanidade. Friedrich Ratzel e W.J. McGee investigaram a influência do ambiente geográfico sobre uma base mais ampla de fatos do que Ritter e Guyot puderam fazer em suas épocas. Sociólogos realizaram estudos importantes dos efeitos da densidade da população e de outras causas sociais específicas. Assim, a influência de fatores externos no crescimento da sociedade está ficando cada vez mais clara.

Os efeitos de fatores psíquicos também são estudados da mesma maneira. Stoll tentou isolar o fenômeno da sugestão e do hipnotismo e estudar os efeitos da sua presença nas culturas de vários povos. Investigações das relações mútuas de tribos e

povos começam a mostrar que certos elementos culturais são assimilados facilmente enquanto outros são rejeitados; e a velha imagem [time-worn phrases] da imposição de cultura por povos altamente civilizados sobre outros de cultura inferior que foram conquistados, está sendo substituída por uma visão mais realista quanto à questão das trocas de realizações culturais. Em todas estas investigações estamos usando sólidos métodos indutivos para isolar as causas dos fenômenos observados.

Dar uma resposta à outra pergunta com respeito às idéias universais, isto é, a da sua origem, é muito mais difícil. Foram feitas muitas tentativas para descobrir as causas que conduziram à formação de idéias que se desenvolvem, onde elas estejam, a férrea necessidade de que o homem viva. Este é o problema mais difícil da antropologia, e é de se esperar que resistirá a nossas tentativas ainda por muito tempo no futuro. Bastia nega a possibilidade de descobrir as últimas fontes das invenções, idéias, costumes e crenças de ocorrência universal. Elas podem ser nativas ou podem ser adquiridas; elas podem ter surgido de uma variedade de fontes, - mas elas estão lá. A mente humana é constituída de uma maneira tal, que ela inventa tais idéias espontaneamente ou as aceita, sempre que à mente, elas lhes são oferecidas. Esta é a idéia elementar de Bastia, freqüentemente mal interpretada [much misunderstood].

Até certo ponto, a enunciação clara da idéia elementar nos dá a razão psicológica para sua existência. Exemplifico: o fato de que a terra das sombras é tão freqüentemente colocada à oeste sugere o empenho para localizá-la no lugar onde o sol e as estrelas desaparecem. A mera declaração de que o homem primitivo considera animais dotados com todas as qualidades do homem, mostra que a analogia entre muitas das qualidades dos animais e dos seres humanos levou à generalização de que todas as qualidades dos animais são humanas.

Em outros casos, as causas não são tão claras. Assim, a questão de porque todos os idiomas distinguem entre o "eu falante", a pessoa com quem se fala e a pessoa da qual se fala, e porque a maioria das línguas não realizam claramente [sharp] esta distinção lógica no plural, é difícil de responder. A princípio,

a observação requer, consistentemente, sempre que no plural, deva existir uma distinção entre o 'nós' formado pelo conjunto do "eu falante" com a pessoa com quem se fala, e o 'nós', formado pela pessoa que fala e as pessoas das quais ele fala, - distinção encontrada tão só em poucas línguas. A menor probabilidade para mal entendidos no plural explica este fenômeno em parte, mas dificilmente de maneira adequada. Ainda mais obscura é a base psicológica em outros casos, por exemplo, em alguns costumes de casamento de ampla ocorrência. Prova da dificuldade deste problema é a infinidade de hipóteses que já foram inventadas para explicá-lo em todas as suas diversas fases.

Tratando disso, o problema mais difícil da antropologia, é de que freqüentemente se aceita o ponto de vista de que se um fenômeno etnológico se desenvolveu independentemente em vários lugares, o seu desenvolvimento também tem sido o mesmo em toda parte, - ou, para referi-lo de uma forma diferente, que os mesmos fenômenos etnológicos sempre tiveram as mesmas causas. Isto conduz a uma generalização ainda mais ampla: que a identidade dos fenômenos etnológicos, encontrados em diversas regiões, fosse prova de que a mente humana obedeceria as mesmas leis em todos os lugares. É óbvio que, se desenvolvimentos históricos diferentes pudessem conduzir à resultados idênticos, então esta generalização não seria sustentável. A existência deles apresentaria a nós um problema completamente diferente, isto é, como é que o desenvolvimento da cultura produz tão freqüentemente os mesmos resultados? Por isso deve ser claramente compreendido que a pesquisa antropológica que compara fenômenos culturais semelhantes em várias partes do mundo, para descobrir a história uniforme do desenvolvimento dos mesmo, supõe de que o mesmo fenômeno etnológico desenvolveu-se em todos os lugares da mesma maneira. Temos aqui um ponto fraco na argumentação do novo método, porque nenhuma prova disso pode ser apresentada. Até mesmo a revisão mais superficial mostra que o mesmo fenômeno pode se desenvolver de várias maneiras.

Darei alguns exemplos: tribos primitivas quase

universalmente são divididas em clãs que possuem totens. Não pode haver dúvida de que esta forma de organização social surgiu independentemente, inúmeras vezes. A conclusão está certamente justificando que as condições psíquicas do homem favorecem a existência de uma organização totêmica da sociedade, embora não se deva concluir que a sociedade totêmica se desenvolveu em todos os lugares da mesma maneira. Dr. Washington Matthews² acredita que os totens dos Navajo surgiram pela associação de clãs [inicialmente] independentes. Capt. Bourke acredita que ocorrências semelhantes deram origem aos clãs dos Apaches, e Dr. Fewkes chegou à mesma conclusão no diz respeito a algumas das tribos dos Pueblo. Por outro lado, temos provas que os clã podem também resultar de uma subdivisão [division]. Tenho mostrado que tais eventos ocorreram entre os índios da costa do Pacífico Norte. A associação de pequenas tribos, por um lado, e a desintegração de tribos demograficamente crescente, por outro lado, levaram a resultados que parecem plenamente idênticos.

Para dar outro exemplo: investigações recentes mostraram que os desenhos geométricos na arte primitiva, às vezes originaram-se de formas naturalistas que eram gradualmente convencionalizadas; às vezes de motivos técnicos, e, ainda em outros casos, eles eram geométricos desde o início ou derivadas de símbolos. De todas estas fontes as mesmas formas se desenvolveram. Dos desenhos que representaram objetos diversos, se desenvolveram, no decorrer no tempo, círculos, meandros, cruces, etc. Daí que a ocorrência freqüente dessas formas não prova nem uma origem comum, nem que elas sempre se desenvolveram de acordo com as mesmas leis psíquicas. Ao contrário, o resultado idêntico pode ter sido alcançado em quatro linhas diferentes de desenvolvimento e em base a um número infinito de pontos de partida.

Um outro exemplo pode não ser demasiado: o uso de máscaras existe entre um grande número de povos. A origem do costume do uso de máscaras não é muito clara em todos os casos, mas algumas formas típicas do uso delas podem facilmente ser distinguidas. Elas são usadas para enganar os

espíritos sobre a identidade do acólito. O espírito de uma doença que pretende atacar a pessoa, não a reconhece quando ela usa uma máscara, e a máscara serve desta forma como uma proteção. Em outros casos a máscara representa um espírito que é personificado pelo acólito, quem desta forma assusta e manda embora [frightens away] outros espíritos hostis. Outras máscaras ainda são comemorativas. O acólito personifica uma pessoa falecida cuja memória tem que ser recordada. Máscaras também são usadas em desempenhos teatrais, ilustrando incidentes mitológicos⁸.

Estes poucos dados bastam para mostrar que o mesmo fenômeno étnico pode se desenvolver de fontes diferentes. Quanto mais simples o fato, mais provável se torna que ele pode ter se desenvolvido aqui de uma fonte, e lá de outra.

Vemos assim que a suposição fundamental que é feita tão freqüentemente pelos antropólogos modernos não pode ser aceita como verdadeira em todos os casos. Não podemos dizer que a ocorrência do mesmo fenômeno sempre se deva às mesmas causas, e que isso prove que a mente humana obedece as mesmas leis em todos os lugares. Temos de exigir que se investigue as causas que as deram origem, e que se restrinja as comparações àqueles fenômenos comprovadamente resultantes das mesmas causas. Temos de insistir que essas investigações sejam realizadas antes de qualquer estudo comparativo extenso [be made a preliminary to...comparative studies]. Nas pesquisas em sociedades tribais, aquelas que se desenvolveram por associação têm que ser tratadas separadamente daquelas que se desenvolveram por desintegração. Figuras geométricas que surgiram de representações convencionais de objetos naturais têm de ser tratadas separadamente daquelas que surgiram de motivos técnicos. Em poucas palavras, antes de realizar comparações extensas, a comparabilidade do material tem de ser comprovada.

Os estudos comparativos dos quais eu estou falando aqui

⁸ Ver: Richard Andree. *Etnographische Parallelen und Vergleiche*. Neue Folge (Leibzig 1889), pp. 107 ff. (Nota no original)

tentam explicar os costumes e idéias de notável semelhança, achados aqui e acolá. Mas, eles também procuram a maneira mais ambiciosa para descobrir as leis e a história da evolução da sociedade humana. O fato de que muitas características fundamentais da cultura são universais ou pelo menos ocorrem em muitos lugares isolados, interpretados à luz da suposição de que as mesmas características sempre devem ter se desenvolvido das mesmas causas, conduz à conclusão de que existe um esquema geral de acordo com o qual o gênero humano se desenvolveu em todas as partes; que todas as variações observáveis [occurring] são nada mais que detalhes secundários [minor details] dessa evolução uniforme geral. Está claro que essa teoria tem como base lógica a suposição de que fenômenos idênticos sempre tiveram as mesmas causas. Por exemplo: encontramos muitos tipos distintos de estrutura familiar. Pode-se demonstrar que as famílias patrilineares [paternal families] se desenvolveram freqüentemente das matrilineares [maternal]. Conclui-se que todas as famílias patrilineares desenvolveram-se das matrilineares. Mas se não aceitamos a suposição de que os mesmos fenômenos se desenvolveram em todos os lugares a partir das mesmas causas, então podemos concluir com a mesma facilidade que as famílias patrilineares têm, em alguns casos, surgido de instituições matrilineares, e, em outros casos, de outras formas. Para dar outro exemplo: muitas concepções da vida futura, evidentemente desenvolveram-se de sonhos e alucinações. Diz-se, conseqüentemente, que todas as noções desta natureza tiveram a mesma origem. Mas isto, só é verdade também se nenhuma outra causa, possivelmente, puder conduzir às mesmas idéias.

Vimos que os fatos não favorecem em nada tal suposição; ao contrário, eles apontam para uma direção oposta. Dai que temos também temos de considerar todas as tentativas ingênuas de construir um sistema geral da evolução da sociedade como um valor muito duvidoso, a menos que se comprove com ele que o mesmo fenômeno sempre tem que ter a mesma origem. Até lá, a suposição é sempre a favor de uma variedade de cursos que o crescimento histórico pode ter escolhido.

A essa altura é bom lembrar um dos principais objetivos da pesquisa antropológica. Concordamos que certas leis existem e que governam o crescimento da cultura humana, e nos esforçamos em descobri-las. O objetivo de nossas investigações é encontrar os *processos* através dos quais certos níveis da cultura se desenvolveram. Os costumes e as crenças não são, elas próprias, o objetivo final da pesquisa. Queremos aprender as razões do porquê tais costumes e convicções existem; em outros palavras, desejamos descobrir a história de seu desenvolvimento. O método que no momento é mais frequentemente aplicado em investigações dessa índole, compara as variações sob as quais os costumes e as convicções aparecem, e tenta identificar a causa psicológica comum que está subjacente a todos eles. Eu tentei mostrar [I have stated] que este método está aberto a uma objeção bastante fundamental.

Temos outro método que em muitos aspectos é muito mais seguro. Um estudo detalhado de costumes na sua relação para com a cultura total da tribo que os pratica, em conexão com uma análise da sua distribuição geográfica nas tribos vizinhas, quase sempre nos proporciona o meio para determinar com precisão considerável as causas históricas que levaram à formação dos costumes em questão, e para determinar os processos psicológicos responsáveis para o seu desenvolvimento. Os resultados das pesquisas conduzidas por este método podem ser três. Eles podem revelar as condições ambientais que criaram ou modificaram os elementos culturais; eles podem esclarecer fatores psicológicas que estão moldando a cultura; ou eles trarão aos nossos olhos os efeitos que as conexões históricas tiveram no crescimento da cultura.

Temos neste método um meio para reconstruir a história do crescimento de idéias com muito mais precisão do que aquelas permitidas pelas generalizações do método comparativo. Esse último não postula nada além de um modo hipotético de desenvolvimento, avaliado por uma probabilidade mais ou menos objetiva, fundamentada em dados empíricos. Mas, até agora, eu não vi ainda qualquer tentativa séria para provar a veracidade de uma teoria, testando-a a partir de desenvolvimentos cuja história

nos é familiar. Ajustar os fenômenos à camisa-de-força de uma teoria é contrário ao processo indutivo pelo qual as relações reais de certos fenômenos podem ser encontrados. Esse último não é outra coisa que o tão freqüentemente ridiculizado método histórico. Seu modo de procedimento não é, certamente, ainda aquele de épocas anteriores, quando semelhanças superficiais entre as culturas foram consideradas prova de relacionamentos, embora tal método reconheça devidamente os resultados obtidos por estudos comparativos. Sua aplicação está baseada, em primeiro lugar, num território geográfico pequeno e bem definido, e suas comparações nunca são levadas além dos limites da área cultural que forma a base do estudo. Somente quando forem obtidos resultados definitivos com respeito a tal área, será possível estender o horizonte além desses limites, embora o maior cuidado deva ser tomado para não se proceder muito apressadamente, caso contrário, a proposição fundamental que antes formulei, poderia ser negligenciada: a ver: quando encontramos uma analogia de traços específicos de cultura entre povos distante, a suposição não é que houve uma fonte histórica comum, mas que eles surgiram independentemente. Dai que as investigações sempre têm que demandar continuidade de distribuição como umas das condições essenciais para provar conexão histórica, e a suposição de "elos perdidos" deve ser aplicada com muita parcimônia. Esta distinção clara entre o novo e o velho método histórico ainda é freqüentemente negligenciada pelos defensores apaixonados do método comparativo. **Eles não apreciam a diferença entre o uso indiscriminado de semelhanças de cultura para provar uma conexão histórica e o cuidadoso e lento estudo detalhado de fenômenos locais.** Já não acreditamos que as semelhanças superficiais entre as culturas da América Central e da Ásia oriental são provas suficientes e satisfatórias de **uma conexão histórica.** Por outro lado, **nenhum observador imparcial negará que existem razões muito fortes para acreditar** que um número limitado de elementos culturais encontrados no Alasca e na Sibéria tenham uma origem comum. As semelhanças de invenções, costumes e crenças, junto com a continuidade de sua distribuição dentro de uma área delimitada, são prova

suficiente da veracidade desta opinião. Mas não é possível estender esta área com alguma certeza além dos limites de Rio Columbia na América, e o Japão, no norte na Ásia. Este método de pesquisa antropológica é representado em nosso país por F. W. Putnam e Otis T. Mason; na Inglaterra por E. B. Tylor; na Alemanha por Fredrich Ratzel e seus discípulos.

Parece necessário aqui, dizer algumas palavras com respeito a uma abjeção a minha argumentação que será formulada por pesquisadores que acreditam que a semelhança do ambiente geográfico é causa suficiente para a similaridade da cultura, ou seja, que as condições geográficas das planícies da bacia do Mississipi, por exemplo, obrigaram o desenvolvimento de uma certa cultura. Horatio Hale vai ainda mais longe ao acreditar que semelhanças na forma dos idiomas podem ser atribuídas a causas ambientais. O ambiente tem um certo efeito limitado na cultura de homem. Mas não vejo como alguém pode defender com tais fatos [supported by any facts] que ele fosse um modelador primário da cultura. Um exame rápido das tribos e povos do nosso globo mostra que povos com culturas e línguas muito diversas existem sob as mesmas condições geográficas; como prova disso pode ser mencionada a etnografia da África Oriental ou da Nova Guiné. Em ambas regiões encontramos uma grande diversidade de costumes em áreas pequenas. Mas muito mais importante é que nenhum fato observado pode ser apresentado em defesa desta hipótese que não poderia ser explicada também pelos bem conhecidos fatos da difusão de cultura, - já que a arqueologia como também a etnografia nos ensinam que a interação entre tribos vizinhas sempre existiu dentro de áreas enormes. No Velho Mundo, os produtos do Báltico encontraram o seu caminho até o Mediterrâneo e as obras de arte da Mediterrâneo Oriental chegaram até à Suécia. Na América, as conchas do oceano foram levadas até mesmo ao centro do continente, e a obsidiana do Oeste chegou até Ohio. Casamentos intertribais, a guerra, a escravidão e o comércio constituíram tantas fontes de introdução constante de elementos culturais estranhos, de forma que uma assimilação da cultura tem que ter ocorrido em áreas contíguas. Acredito, portanto, que

onde uma influência imediata do ambiente sobre tribos vizinhas não puder ser comprovada, a preferência tem que ser dada à suposição de uma conexão histórica. Houve um tempo de isolamento durante o qual as características particulares de culturas diversas se desenvolveram de acordo com a cultura prévia e o ambiente das tribos. Mas os estados da cultura, representando este período, foram posteriormente encobertos por tantas novidades devidas ao contato com tribos estrangeiras, que elas não podem ser descobertas sem o isolamento muito cuidadoso dos elementos estrangeiros.

Os resultados imediatos do método histórico são, então, histórias das culturas de tribos diversas constituindo os objetos da pesquisa. Concordo totalmente com aqueles antropólogos que reivindicam que este não é o objetivo último de nossa ciência, porque as leis gerais, embora implícitas em tais descrições, não podem ser formuladas claramente e nem seu valor relativo apreciado sem uma comparação completa da maneira como elas se tornaram manifestas em culturas diferentes. Mas insisto que a aplicação deste método é a precondição indispensável de um progresso sólido. O problema psicológico está contido nos resultados da investigação histórica. Quando esclarecermos a história de uma única cultura e quando entendermos os efeitos do ambiente e das condições psicológicas que estão refletidas na cultura, teremos dado um passo adiante, já que depois podemos investigar como as mesmas causas, ou causas distintas, estavam atuando no desenvolvimento de outras culturas. Assim, comparando histórias de crescimento, leis gerais poderão ser encontradas. Este método é muito mais seguro que o método comparativo, tal como normalmente praticado, porque ao invés de uma hipótese quanto ao modo de desenvolvimento, histórias reais formarão a base de nossas deduções.

A investigação histórica deve ser considerada o teste crítico que a ciência tem que requerer antes de admitir fatos como evidência. Por esses meios, a comparabilidade do material coletado tem que ser comprovada e a uniformidade processual tem que ser exigida como prova de comparabilidade. Além disso, quando a conexão histórica entre dois fenômenos puder ser

demonstrada, eles não devem ser admitidos como evidência independente.

Em alguns casos os resultados imediatos deste método são tão importantes como os melhores resultados que podem ser produzidos através dos estudos comparativos. Alguns fenômenos têm uma distribuição tão imensa que a descoberta de sua ocorrência sobre áreas contínuas muito extensas, prova imediatamente que as variedades [certain phases] de cultura nessas áreas originaram da mesma fonte. Assim se esclarecem porções amplas da pré-história [early history] do gênero humano. Quando Edward S. Morse mostrou que certos métodos de se lançar flechas são peculiares a continentes inteiros, ficou imediatamente claro, que a prática comum encontrada sobre uma área vasta deve ter tido uma origem comum. Dado que os polinésios empregam um método de fazer fogo que consiste em esfregar uma vara ao longo de um entalhe, enquanto quase todos os outros povos usam a broca de fogo, está comprovada que a arte de fazer fogo entre os polinésios tem uma origem particular. Se notarmos que a provação é encontrada por toda parte da África em certas formas peculiares, enquanto em outras partes do mundo habitado, distante da África, ela não é encontrada, ou se é, é encontrada apenas em forma rudimentar, está mostrado que sua idéia, como praticada na África, teve uma única origem.

A grande e importante função do método histórico na antropologia nos parece, portanto, a sua capacidade em descobrir os processos que em casos específicos conduziram ao desenvolvimento de certos costumes. Se a antropologia deseja estabelecer as leis que governam o crescimento da cultura, ela não deve se limitar em comparar apenas os resultados desse crescimento, mas, sempre que possível, tem que comparar os processos desse crescimento que podem ser descobertos por meio de estudos das culturas numa área geográfica restrita.

Assim, vimos que o método comparativo tão somente pode alcançar os resultados para os quais se esforça, baseando as suas investigações nos resultados históricos das pesquisas, dedicadas a esclarecer [laying clear] as relações complexas de cada cultura individual. O método comparativo e o método histórico, se se

pode aplicar estes termos, há muito tempo têm se 'empenhado pela supremacia, mas esperamos que cada um deles encontre logo, seu lugar e a sua função apropriados. O método histórico alcançou uma base mais segura, abandonando o princípio enganoso de pressupor conexões, onde quer que fossem encontradas similaridades culturais. O método comparativo, apesar de tudo aquilo que foi dito e escrito em seu elogio, tem sido notavelmente estéril em resultados definitivos, e eu acredito que não se tornará prolífico até renunciarmos o vão empreendimento em construir uma história sistemática e uniforme da evolução da cultura, e até que comecemos a fazer nossas comparações em bases mais amplas e mais sólidas, como as que me aventurei em esboçar. Até agora nos entusiasmos demais com incertezas mais ou menos ingênuas. O trabalho sério [solid] é ainda tudo antes de nós.